



EDUCAÇÃO E FAZERES SENSÍVEIS INDÍGENAS: COMPLEMENTARIEDADES DE MUNDOS

Jaqueline Cezar Tavares Freire
Universidade de Santa Cruz do Sul

Carine Josiele Wendland
Universidade de Santa Cruz do Sul

...

Eixo 1- Aprendizagem, Tecnologias e Linguagem da Educação

O presente estudo visa construir uma reflexão a respeito do conceito de arte. Palavra que vem do termo latim *ars*, e significa habilidade ou técnica, portanto, que nasce no seio de uma língua ocidental. Em contraponto, buscamos trazer uma concepção ameríndia, em busca de termos que melhor definem manifestações culturais da etnia Guarani e Kaingang, as quais essa pesquisa tem foco.

Para detalhar a complexidade de alguns termos, como traremos a seguir, é necessário a vivência, não possível no momento, devido ao contexto pandêmico provocado pela COVID-19. Neste contexto se dá a escrita deste estudo, que por sua vez tem relevância por perpassar dificuldades e limitações encontradas na construção da pesquisa, construindo novas experiências metodológicas e modos de conviver interculturalmente - uma preparação para adversidades futuras que possam surgir.

As expressões dos modos de vida Guarani e Kaingang transitam entre formas e símbolos que variam em seus modelos e significâncias de cultura para cultura. Manifestações simbólicas, que estão sujeitas a flutuações a partir de processos históricos, assim como práticas podem ser extinguidas, outras podem surgir e/ou serem ressignificadas.

O não indígena tende a julgar, bem ou mal, as expressões ameríndias que denomina de arte, e em uma tentativa de valorizar e protagonizar as manifestações culturais indígenas pensa-se que a melhor maneira seria incluí-las na arte contemporânea lado a lado. Tem por hábito a necessidade de conceitualizar, de enquadrar termos que

transcendem suas conceitualizações e vão além de uma definição, como é o caso das manifestações sensíveis indígenas.

Sendo assim, este estudo visa descolonizar as perspectivas ocidentalizadas que limitam, enquadram e comparam o indígena sendo uma coisa ou outra. Buscamos, portanto, por termos que melhor dialogam com as expressões do sensível Guarani e Kaingang, não com viés de fixar o ato de fazer ameríndio a esses termos, mas de repensar como ato filosófico o uso indevido e recorrente da arte.

A pesquisa utiliza-se, sobretudo, do diálogo intercultural entre indígenas e não indígenas, além de ferramentas metodológicas como a escrita colaborativa, vídeos e referências bibliográficas que estabelecem os diálogos necessários para construir as reflexões propostas pelo artigo.

No lugar de não indígenas, buscaremos para além de trazer significados, sensações e percepções fenomenológicas a partir de falas de indígenas acerca do tema, possíveis termos que derivam desse diálogo intercultural.

Em um contexto de universidade geocultural, no solo da América Profunda, entendemos a interculturalidade como um lugar de estar em aprendizagens e transformações na convivência. A universidade, ao abrir-se interculturalmente para com outras culturas, trata de um encontro com a geocultura “que reconhece a importância da noção educativa na qual o/a indígena tem como dimensão central buscar as respostas a partir de sua própria cultura” (MENEZES, MORETTI, 2018, p. 26).

Com base em Kusch (2007), refletimos que o problema da América estaria no confronto entre racionalidades para encontrar uma racionalidade mais profunda, mais próxima a nossos conflitos - visto que, qualquer diálogo é intercultural e contém conflitos, diferenças e alteridades. A interculturalidade está neste lugar do entre, dentro e fora da universidade, no entre indígenas e não indígenas. É este entre e este todo dos fazeres que nós poderíamos chamar de arte, mas não o faremos pois estaríamos estagnando algo vivencial e intrínseco de um povo para um mero conceito que não está pronto para assim ser chamado, necessitamos do ato filosófico de pensar. Tanto a palavra arte como a palavra interculturalidade, não fazem parte do vocabulário das línguas Kaingang e Guarani, ao contrário, quando tentam nos explicar o que estas palavras poderiam significar, necessitam simplificar seus pensares e suas culturas numa tentativa de tradução literal para que tenhamos um mínimo de compreensão deste todo.

Para o mundo ocidentalizado arte define manifestações e/ou produções de objetos aceitáveis por um grupo determinado. O conceito de arte entendido como tal, é recente na história. Antes disso, tudo o que era feito tinha uma finalidade, nenhuma obra arquitetônica, por mais bonita que fosse era feita para ser apreciada, mas regida por padrões de utilidade, assim como pinturas e esculturas. Há uma semelhança também com a fala de Vherá quando relata que um cesto - muitas vezes por não indígenas menosprezado e trazido como artesanato - não é arte, mas sim um artefato, e um “*artefato de utilidade que as mulheres fazem para seu uso no processo de educação, no processo de gestação, no processo do contato com as crianças*”, ou seja, um objeto que se constitui até o fim de modo educativo.

Assim, na desconstrução e reconstrução do termo problematizado aqui, e com o qual iniciamos está escrita, retomando sua origem - *ars* -, que advém do termo grego *techné*, do fazer, no sentido de produzir, mas não o produzir da produtividade capitalista, lembramos um outro termo, de um fazer a partir da *poiesis – poiën*, (VALÉRY, 2007) fazer ser o que não é e assim produzir sentidos *na* e *da* educação. A retomada dessa origem, em complementaridade de pensamento, traz mais sentido aos próprios fazeres.

Tal como a arte para os não-indígenas, também a sua filosofia é pautada, conforme Estermann (2016) na individualidade da autoria, numa racionalidade discursiva, na superação do pensamento mitológico, entre outros aspectos. Em contrapartida, a filosofia indígena se aproxima de princípios como a “relacionalidad [...] correspondencia, complementariedad, reciprocidad y ciclicidad”. É, portanto, necessário reconhecer la “filosoficidad” de fuentes no textuales como la narración, el mito, los símbolos, los rituales, el dibujo y el canto” (p. 8).

A partir do diálogo intercultural reconhecemos dois princípios fundamentais também nas manifestações sensíveis produzidas pelos indígenas, são eles: a reciprocidade e a complementaridade. A reciprocidade está ligada à comercialização - prática recente entre os povos indígenas que nasce da necessidade - e, a complementaridade caracteriza os modos de fazer e seus processos, mas também a nossa compreensão, no sentido de não ignorar o termo e suas origens, mas estabelecer de fato um diálogo intercultural em complementaridade de pensamentos.

Trazemos, portanto, na complexidade e complementaridade do mundo também duas proposições para os fazeres sensíveis indígenas: Vyfã e Tembiapó. Em uma

perspectiva ameríndia, como vimos anteriormente, não há o termo arte e nem uma tradução literal para o português.

Vherá Poty, indígena Guarani, colaborador deste estudo, nos diz que a arte seria todo o processo de concepção de um objeto, a vivência em si, que possui uma cosmologia específica de cada povo. Prefere usar o termo artefato, pois os objetos carregam a história da cultura, não apenas com o objetivo de comercializá-los. A comercialização surge por uma necessidade dos dias atuais e, no ato da produção se refere especialmente ao tembiapó que “significa prática do conhecimento, baseado diretamente no processo de educação da compreensão e de produzir coisas que são importantes para nós, importante não só simbolicamente, mas também como objetos, ou seja, artefatos”. Reflexões essas, que vão ao encontro do que Onorio indígena Kaingang, pesquisador e doutorando do Programa de Pós-Graduação da UNISC traz.

Na perspectiva da arte Kaingang, arte tem vários, sentidos e concepções, as cestarias são um exemplo, o Vãfy, que é chamado de arte. A compreensão Kaingang é bem mais profunda e complexa, pois na confecção de um objeto carrega-se toda uma questão cosmológica, há uma relação comunicacional antes do processo de confecção, desde a coleta da taquara ou cipós, onde é preciso ter uma permissão para cortar determinados materiais, à princípios de complementaridade, a cosmologia, mito, grafismos e uma relação de respeito colocada na construção do artefato.

Ao pensarmos na palavra arte logo nos remetemos a coisas que consideramos belas. Nesse sentido, também é importante reavaliar quais dimensões do bonito temos construídas. Em uma perspectiva Guarani o bonito está ligado ao bom, ao estar bem. A espiritualidade e todos os rituais cotidianos são uma dimensão do bonito. As rezas demandam concentração, um cuidado com o corpo e a alma propiciando o estar bem, se manter em um casamento sem alegria por exemplo, é incoerente, pois não cultiva boas relações que dimensionam o belo. Assim como, é necessário manter as crianças alegres para que elas queiram ficar com seus parentes. O belo está contido no bem viver de si e do próximo, no modo de vida Guarani.

A pesquisa ainda está em desenvolvimento, por isso os resultados apresentados são parciais e derivam da construção feita até o momento, mas já provocam e repercutem nas reflexões expostas. Sendo assim, é relevante considerar que ao contrário de realizar o ato de comparação de aspectos de culturas indígenas que se assemelham à cultura ocidental e vice-versa, faz-se necessário compreender que viemos de um processo

histórico de miscigenação de muitas raças, contudo, atualmente, etnias que sobreviveram a diversas violências ao longo dos séculos lutam para manter viva sua identidade étnica. Cabe ao não indígena em seu processo de desconstrução desenvolver a prática da escuta e compreensão de um modo de vida que precisa o tempo todo estar se adaptando a ocidentalização, e então fazer o movimento de ceder espaços a modos de vida indígenas diversos.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Interculturalidade; Sensível; Guarani; Kaingang.

REFERÊNCIAS

ESTERMANN, Josef. **Las filosofías indígenas y el pensamiento afroamericano.** Internacional de Investigación en Filosofía Intercultural de la Liberación. Argentina: FAIA. Vol. 5. N°25. 2016.

MENEZES, A. L. T.; MORETTI, C. Z. **Aprendendo com os guarani:** geocultura através do ensino, pesquisa, extensão na universidade comunitária. Revista Sinergias - Diálogos educativos para a transformação social. Janeiro 2018, n.º 6.

VALÉRY, Paul. **Primeira aula do curso de poética.** In: VALÉRY, Paul. Variedades. São Paulo: Iluminuras, 2007. p. 179-192.

KUSCH, Rodolfo. **Obras completas - tomo III.** 1. ed., v. 3- Rosário: Fundación A. Ross, 2007.